

A FRANCOFONIA PELA VOZ FEMININA DE LEÏLA SEBBAR E MALIKA MOKEDDEM

Ana Paula Dias IANUSKIEWTZ*

RESUMO: Leïla Sebbar e Malika Mokeddem são duas escritoras argelinas que trouxeram para a literatura francófona, sob o prisma da voz feminina, um olhar crítico para as sociedades francesa e argelina contemporâneas, subvertendo o sujeito centrado na sua identidade fixa e inabalável. Por meio da escrita dessas autoras, temas referentes à crítica feminista e à teoria pós-colonial tornam-se presentes no contexto literário atual. O objetivo deste artigo é estabelecer um diálogo entre as obras ficcionais de Sebbar, *Shérazade 17 ans, brune, frisée, les yeux verts* (1982), e a de Mokeddem, *Des Rêves et des Assassins* (1995), evidenciando as semelhanças existentes entre a experiência da mulher no patriarcalismo e a experiência do sujeito colonizado.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Feminista. Leïla Sebbar. Malika Mokeddem. Teoria Pós-colonial.

Atualmente, vivemos em uma época na qual os avanços tecnológicos e dos meios de comunicação permitem que as diferentes línguas, culturas, raças e religiões se aproximem e passem a conviver umas com as outras. Além disso, em alguns países da Europa ocidental é cada vez maior o número de pessoas de diferentes nacionalidades que convivem em um mesmo espaço geográfico. A França é uma das nações mais populosas do continente europeu, cerca de 62,6 milhões de habitantes, sendo que, devido à constante evolução migratória que o país sofreu ao longo de sua história, muitos de seus cidadãos são de origem africana, asiática, árabe, polonesa, entre outras. Essa miscigenação que ocorreu no território francês, certamente, trouxe novos valores sociais, culturais, políticos e econômicos para o país que, frequentemente, contrastam com as crenças e costumes da população local. A grande questão que sempre permeou a problemática dos

* Pós-doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - paulakiewtz@yahoo.com.br

movimentos migratórios na França foi em relação ao quanto esse multiculturalismo tem assimilado a cultura local, ou vice-versa. Em 2016, a proibição do uso dos burquins nas praias francesas trouxe à tona, novamente, a discussão a respeito do quanto a França é uma pátria que respeita as diversidades culturais e religiosas. Anteriormente, no governo de Jacques Chirac, houve a proibição do uso dos véus islâmicos nas escolas públicas e, também, no governo de Nicolas Sarkozy, a proibição do uso dos niqabs (um pano usado pelas muçumanas que cobre todo o rosto deixando visíveis apenas os olhos) e das burcas. Com os atentados terroristas que ocorreram em Paris e Nice nos últimos anos, a questão da xenofobia, especialmente no que concerne aos muçumanos de origem islâmicas, vem se acentuando em todo o país e, mais uma vez, questiona-se a complexidade do papel da França como pátria formada pela integração sucessiva de ondas de imigrantes. A que ponto ocorreu de fato essa integração social e econômica dos diferentes imigrantes em uma república que tem como fundamentais os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade? Seriam os imigrantes inflexíveis demais quando se recusam a se adaptar ao modo de vida e aos valores culturais do país que os acolheu, ou os franceses que continuam a se mostrar relutantes em aceitar valores diferentes aos de sua cultura? Ora, sabemos que não somente a França, mas muitos países europeus terão futuramente que se adaptar com os novos refugiados oriundos principalmente de países muçumanos, sobretudo da Síria, Líbia e do Norte da África, e que novos desafios serão encontrados diante da necessidade de adaptação dos franceses a essa nova realidade.

Quando abordamos temas como multiculturalismo, inclusão, exclusão, marginalização, ou xenofobia, remetemo-nos à questão da identidade e do quanto esta apresenta, ou não, um caráter fixo, estável, homogêneo e coerente. Por exemplo, de que maneira as novas gerações de franceses, filhos de argelinos e outras nacionalidades que constituem o processo de hibridização de diferentes culturas que (con)vivem no território francês, internalizam e expressam o sentimento de não-pertença em seu próprio país que muitas vezes é vivenciado por eles? Seriam eles claros exemplos do sujeito descentrado da pós-modernidade que busca sua identidade em meio à crise coletiva das identidades nacionais? Segundo Woodward (2014), na Europa pós-colonial, tanto os povos que foram colonizados como as sociedades “hospedeiras” têm respondido à diversidade do multiculturalismo por meio de uma enérgica reafirmação de suas identidades de origem. Ademais, a autora afirma que, a ideia de uma identidade europeia defendida por partidos de extrema-direita, tem comprometido a imagem dos trabalhadores africanos, frequentemente, considerados como o “Outro”:

A ideia de uma identidade europeia, por exemplo, defendida por partidos políticos de extrema-direita, surgiu, recentemente, como uma reação à suposta ameaça do “Outro”. Esse “Outro” muito frequentemente se refere a trabalhadores da África do Norte (Marrocos, Tunísia e Argélia), os quais são representados como uma ameaça cuja origem estaria no seu suposto fundamentalismo islâmico. (WOODWARD, 2014, p.24).

Quando trazemos à baila o conceito de multiculturalismo, temos, a priori, a impressão de algo positivo que se refere ao diálogo e convívio entre as diversidades culturais e étnicas. Porém, como Hall (2003) elucida em sua obra, *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*, o multiculturalismo abrange uma gama extensa de variantes, como por exemplo: há o multiculturalismo conservador, o liberal, o pluralista, o crítico entre outros, e alguns vão de encontro aos princípios de integração e aceitação das minorias. Dessa forma, o multiculturalismo conservador insiste na assimilação da diferença às tradições e costumes da maioria. O multiculturalismo liberal busca integrar os diferentes grupos culturais ao *mainstream*, fundamentada em uma cidadania individual universal, tolerando algumas práticas culturais particularistas apenas no domínio privado. Já o multiculturalismo pluralista aceita as diferenças grupais em termos culturais, e concede direitos de grupo distintos a diferentes comunidades dentro de uma ordem política comunitária, ao passo que o multiculturalismo crítico enfoca o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência. Conseqüentemente, o “multiculturalismo” é uma ideia questionada e contestada pela direita conservadora, em prol da pureza e integridade cultural da nação, contraposto pelos liberais, que alegam que o “culto da etnicidade” e a busca da diferença ameaçam o universalismo e a neutralidade do estado liberal, comprometendo a autonomia pessoal, a liberdade individual e a igualdade formal (HALL, 2003).

A francofonia tornou-se um símbolo de união de diferentes comunidades que, por meio de um signo comum, a língua francesa, expõe nas diversas formas de expressão artística a pluralidade de variadas identidades culturais. Abdou Diouf (2007, p.5), secretário geral da francofonia de 2003 a 2015, declarou que [...] *la francophonie dans le monde est une invitation au voyage, une invitation à parcourir les espaces culturels, espace médiatique, espace économique et politique.*” Assim, quando pensamos no papel da literatura francófona, advinda do passado colonialista francês e difundida através do tempo e em diferentes espaços geográficos, vemos que esta constitui um fator importante para a difusão da

literatura escrita em francês de diversas partes do mundo: do Magrebe, da África subsaariana, do Caribe, do Quebec, da Bélgica, da Reunião e das Ilhas Maurício. Em cada um desses locais, a língua francesa é utilizada por diversos autores como meio de expressão de valores culturais distintos e ideais que suplantam o estético e “refletem” em suas obras certos aspectos da realidade socioeconômica, política, das tradições e da história de cada país. Na região do Magrebe, por exemplo, o povo magrebino constantemente teve uma relação conflitante e paradoxal com a língua francesa, pois esta, ao mesmo tempo em que foi vista como um meio de alienação dos valores culturais próprios dessa região, permitiu a seu povo a possibilidade para celebrar e criticar os acontecimentos sociopolíticos do país nas vozes dos escritores como Rachid Boudjedra, Nabile Farès e Assia Djebar. Já os valores do homem negro, seus sofrimentos e a nostalgia da África subsaariana do período pré-colonial foram retomados por um grupo de escritores como Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor com o movimento da “negritude” nos anos trinta em Paris.

No entanto, se pensarmos na questão das escritoras francófonas, podemos tecer um amplo panorama de algumas que, por meio da língua francesa, foram capazes de impor ao longo dos tempos o valor de uma escrita literária realizada por mulheres: Christine de Pizan, Madame de Lafayette, Marceline Desbordes-Valmore, Madame de Staël, George Sand, Marguerite Yourcenar, Marguerite Duras, Simone de Beauvoir e muitas outras. Percebemos assim, uma grande variedade de temas e gêneros na escritura feminina francófona, pois essa literatura foi produzida em diferentes países, ou mesmo continentes, e cada escritora traz para sua escrita variadas particularidades, temas e traços de sua cultura e de sua situação de mulher e escritora em diferentes sociedades, colonizadas e colonizadoras, algumas com fortes tendências patriarcais. Na África, por exemplo, há várias escritoras como Fatou Diome, Calixthe Beyala, Mariana Ba, Leïla Sebbar e Malika Mokeddem que, desde os anos 70, evidenciam em suas narrativas a hipocrisia de costumes e tendências que insistem em manter as mulheres submissas e em situações que as privam de seus direitos à liberdade e mesmo à dignidade humana. Temos, também, as vozes femininas que relatam por meio da ficção a história de países asiáticos, como é o caso de Anna Moï, no Vietnã, que em seu romance, *Riz Noir* (2006)¹, narra por intermédio da história de vida de duas irmãs, o fim do colonialismo francês em seu país e o início do imperialismo americano. No Québec, Marie Lair Blais, Gabrielle Roy, Nicole Brossard e Anne Hébert expressam os conflitos sociais

¹ Confira Anna Moï (2006).

e os dramas psicológicos de suas personagens femininas. Sendo assim, temos nas vozes dessas escritoras francófonas o retrato da duplicidade identitária de mulheres em sociedades patriarcais e colonizadas.

Leïla Sebbar e Malika Mokeddem são duas escritoras argelinas que trouxeram para a literatura francófona, sob o prisma da voz feminina, um olhar crítico para as sociedades francesa e argelina contemporâneas subvertendo o sujeito centrado na sua identidade fixa e inabalável. Voltadas para as questões dos imigrantes na França e das injustiças cometidas em relação às mulheres em nome das tradições e questões religiosas e políticas, essas autoras abordam o caráter formador das identidades e a relação destas com as relações de poder político, social e de gênero. Dessa forma, Sebbar e Mokeddem pertencem à gama de autores que fazem parte dos Estudos Pós-Coloniais, que se iniciaram na década de 70, com a obra *Orientalismo* do palestino Edward Said. Nesse texto, o autor aponta as maneiras pelas quais os escritores ocidentais constroem visões errôneas em relação ao Oriente que culminam em ideias de supremacia ocidental. Consequentemente, as análises de Said sobre o discurso europeu impulsionaram os debates sobre o imperialismo e colaboraram para traçar os rumos dos Estudos Pós-coloniais. Sendo assim, a literatura de Sebbar e Mokeddem aponta para questões presentes nas temáticas dos estudos pós-coloniais tais como: multiculturalismo, o conceito de resistência, de subversão, de ab-rogação e apropriação, ironia e oposição, entre outros.

Leïla Sebbar nasceu em Aflou, na Argélia, em 1941, mas se mudou para a França ainda jovem, aos 18 anos, quando foi primeiramente para Aix-en Provence e, posteriormente, para Paris realizar seus estudos superiores. Filha de pai argelino e de mãe francesa, Sebbar foi capaz de experimentar os diversos aspectos dessa duplicidade de culturas. Sua produção literária abrange vários gêneros como romances, novelas e ensaios, os quais possuem temas diversos: a juventude dos filhos de emigrantes, como *Sérazade 17 ans, brune, frisée, les yeux verts* (1982), *La Seine était rouge* (1999), *Je ne parle pas la langue de mon père* (2003), e *Mes Algériens en France* (2004), os horrores perpetuados durante a guerra civil argelina, tais como, *La jeune fille au balcon* (1996)², ou mesmo a relação entre o exílio e a identidade de si como, por exemplo, em *Lettres parisiennes correspondance avec Nancy Huston* (1986)³. Assim sendo, a escrita de Sebbar, de uma maneira poética, mas, também, realista, retrata a complexidade da diáspora argelina no território

² Confira Sebbar (2014, 1999, 2003, 2004, 1996).

³ Confira Houston e Sebbar (1986).

francês, a questão do feminino versus masculino, cultura de origem e cultura de adoção e discorre a propósito da complexidade das relações humanas nos diversos espaços sociais.

Embora Sebbar tenha nascido na Argélia, sua língua materna sempre foi o francês e ela nunca ansiou por aprender o árabe, a língua de seu pai. Podemos verificar esse fato nos relatos que a mesma faz a Nancy Huston, escritora canadense, que adotou desde muito jovem, a França como pátria. As duas escritoras, em *Lettres parisiennes* (1983) trocam, por meio de correspondências, testemunhos do quanto a experiência de viver em uma outra cultura traz discussões acerca da identidade e da alteridade e o quanto a francofonia para ambas está ligada ao processo de criação literária e representações discursivas. No caso de Huston, o francês se apresenta como segunda língua, a língua estrangeira, mas que a deixa à vontade para escrever e produzir. Já para Sebbar, o francês é a língua materna, embora ela tenha vivido parte de sua vida na Argélia, e tenha tido sempre na presença paterna o árabe como uma língua constante em sua vida.

Si j'avais su l'arabe, la langue de mon père, la langue de l'indigène, la parler, la lire, l'écrire..., je n'aurais pas écrit. De cela je suis sûre aujourd'hui. Si j'étais restée dans le pays de mon père, mon pays natal avec lequel j'ai une histoire si ambiguë, je n'aurais pas écrit, parce que faire ce choix-là, c'était faire corps avec une terre, une langue, et si on fait corps, on est si près qu'on a plus de regard ni d'oreille et on n'écrit pas, on n'est pas en position d'écrire. (SEBBAR, 1999, p.19).

Dessa forma, Sebbar precisou adotar a língua do colonizador de sua terra natal, o francês, para poder estabelecer um olhar distante em relação à sua própria cultura, mas que a favoreceria na escrita de temas que abordam a questão do exílio, da desestabilização identitária e do diálogo intercultural. Quando se define como escritora, Sebbar aponta a mestiçagem que sempre esteve presente na sua trajetória entre a Argélia e a França:

Chaque fois que j'ai à parler de moi écrivant des livres, j'ai à me situer dans mon métissage, à répéter que le français est ma langue maternelle, à expliquer en quoi je ne suis pas immigrée, ni beur, mais simplement en exil, un exil doré certes mais d'un pays qui est le pays de mon père et dont j'ai la mémoire, vivant dans un pays qui est le pays de ma mère, de ma langue, de mon travail, de mes enfants mais où je ne trouve pas vraiment ma terre. (SEBBAR, 1999, p133).

O sentimento de não pertencer a uma determinada comunidade ideológica, de não se identificar com nenhum credo religioso é o que, segundo Sebbar, a define:

Ce sentiment de ne pas appartenir à aucune communauté idéologique, religieuse ou intellectuelle où il soit possible de se reconnaître en d'autres, des semblables qui puissent entendre et faire entendre un jugement équitable, suivant des règles acceptées par tous, c'est cela qui me manque et me manquera toujours telle que je suis. (SEBBAR, 1999, p.132).

Já a respeito das temáticas de suas obras, Sebbar afirma que seus livros são a marca de sua história de cruzada:

Les sujets de mes livres ne sont pas mon identité, ils sont le signe, les signes de mon histoire de croisée, de métisse obsédée par sa route et les chemins de traverse, obsédée par la rencontre surréaliste de l'Autre et du Même, par le croisement contre nature et lyrique de la terre et de la ville, de la Science et de la chair, de la tradition et de la modernité, de l'Orient et de l'Occident. (SEBBAR, 1999, p.134).

Em sua obra, *L'arabe comme un chant secret*, Sebbar (2010) faz de seu texto um testemunho das questões que envolvem língua, cultura, identidade e a diáspora, pois algumas das questões que sempre a intrigaram e se fizeram presentes na sua trajetória como indivíduo e escritora foram, por exemplo, como viver separada da língua de seu pai e de que maneira a língua de sua mãe fez parte na constituição da sua identidade:

Enserée dans la langue de ma mère, je n'entendais que ce qui venait d'elle, ce qui était véhiculé par elle, imposé, reçu, digéré, appris, recraché. La langue arabe, je ne voulais pas savoir qu'elle existait. Je ne parlais pas. Ni ma mère... La langue de ma mère me cernait, me cerne encore. Ma mère m'a enfermée dans sa langue, comme encore dans son ventre. (SEBBAR, 2010, p.16-17).

Na obra *Shérazade 17 ans, brune, frisée, les yeux verts* (1992), Sebbar traz para a modernidade a personagem feminina, Shérazade, símbolo de empoderamento feminino desde *As Mil e Uma Noites*⁴, e expõe por meio dessa personagem a

⁴ Confira *As mil e uma noites* (2017).

complexa realidade de uma jovem francesa de origem argelina que vive em uma Paris multicultural e multirracial na qual ela não se sente como parte integrante da mesma. A realidade dos distritos de Paris, Barbès, Jaurès, Crimée, locais nos quais se passam as tramas do romance e nos quais muitas famílias de imigrantes vivem atualmente, são os lugares onde o leitor conhece a vida marginalizada da protagonista que contrasta com o glamour da Cidade Luz.

Malika Mokeddem nasceu em 1949 em Kenadsa, Argélia, fez seus estudos de medicina em Oran e, posteriormente, partiu para Paris onde prosseguiu seus estudos e se especializou em nefrologia. No entanto, a partir de 1985, Mokeddem passou a se dedicar, sobretudo, à literatura. Seu primeiro romance, *Les hommes qui marchent* (1990), foi consagrado com os prêmios de literatura, *Littré*, e o da fundação argelina Nourredine Aba. Seu segundo romance, *Le siècle des sauterelles* (1992), foi premiado por Afrique-Méditerranée de l'ADELF e sua obra, *L'interdite* (1994), também recebeu o prêmio Méditerranée-Perpignan. Em seguida, Mokeddem publicou os romances *Des rêves et des assassins* (1995) e *Mes Hommes* (2005)⁵. A escritura de Mokeddem se apresenta como a escrita da revolta, das injustiças sociais e da violência exercida em relação às mulheres e que são justificadas em nome da religião e de valores tradicionais, principalmente no que diz respeito à sociedade argelina.

Em *Des rêves et des assassins*, Mokeddem (1995) retrata a vida de Kenza, uma jovem nascida na Argélia nos anos 60, época da independência do país. Embora as mulheres da Argélia tenham contribuído de diversas maneiras para que o país fosse liberado das influências colônias, estas não puderam desfrutar da mesma liberdade dos seus conterrâneos devido às tradições nacionais, ao machismo e à misoginia, mesmo no após-guerra. Desde o título da obra, *Des rêves et des assassins*, o leitor já se depara com duas palavras coordenadas que expõem sentidos antagônicos e indicam a realidade de muitas argelinas que têm seus sonhos ceifados por aqueles que, em nome de tradições, privam o outro de sua liberdade e de seus ideais. O drama de Kenza é duplo, pois não é apenas aquele do colonizado que precisou subverter o poder do colonizador, mas também o daquele que buscou superar a influência e domínio de seu próprio povo e de sua família, simplesmente pelo fato de ser mulher. Logo no início da obra, vemos o quanto a narradora reflete sobre sua situação como sujeito feminino:

⁵ Confira Mokeddem (1990, 1992, 1993, 1995, 2005).

A francofonia pela voz feminina de Leïla Sebbar e Malika Mokeddem

La plupart des filles, nées comme moi à l'Indépendance, furent prénommées Hourria: Liberté; Nacira: Victoire; Djamila: la Belle, référence aux Djamila héroïnes de la guerre... Moi, on m'appela Kenza: Trésor: Quelle ironie! Des trésors de la vie, je n'en avais aucun. Pas même l'affection due à l'enfance. Ce prénom me sied aussi peu que ceux appliqués aux Liberté entravées, aux Victoire asservies et aux héroïnes bafouées. Très tôt, je me suis rendu compte de ce paradoxe. Et très tôt aussi, j'ai su que ce n'était ni par sadisme ni par cynisme qu'on nous attribuait ces prénoms. L'ignorance méconnaît ses propres perversions. (MOKEDDEM, 1995, p.20).

Kenza, após desafiar as tradições que subjugavam as mulheres argelinas, parte para a França, ávida de se reencontrar na descoberta do passado de sua mãe. Revivendo o passado de sua genitora na cidade de Montpellier, Kenza é capaz de se reinventar na terra do colonizador dando um novo rumo a sua vida. Já na obra de Sebbar, o percurso é oposto, pois a protagonista, Shérazade, retorna no final da trama à Argélia em busca de suas origens e com a finalidade de, talvez, buscar o seu eu fragmentado. Esse movimento de migração das personagens de Sebbar e Mokeddem remete ao tema da diáspora, muito presente na literatura pós-colonial.

Diáspora em grego significa semear e muitos daqueles que partem para novas terras, de fato semeiam por onde passam novos valores e despertam novas visões de mundo por meio da interculturalidade. Spivak (1996) define dois tipos de diásporas; a pré-transnacional, ocorrida entre os séculos 15 e 19, quando os escravos foram levados para o Novo Mundo e a diáspora transnacional, aquela caracterizada pelos trabalhadores do *indentured labour* no século 19 e dos deslocamentos atuais em consequência das guerras civis, da fome, do desemprego e da sedução pelas oportunidades que os países mais ricos oferecem. Segundo Silva (2014, p.88), é no movimento literal, concreto, de grupos em movimento, que a teoria cultural contemporânea vai buscar inspiração para teorizar sobre os processos que tendem a desestabilizar e subverter a tendência da identidade à fixação deslocando as identidades originais e afetando tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas.

Bonnici (2005) estabelece um paralelismo entre o feminismo e o pós-colonialismo, pois ambos discutem sobre a política de representação e identidade, especialmente através da linguagem. Quando abordamos o tema da diáspora nas obras de Sebbar e Mokeddem, ficção e realidade dialogam ao considerarmos os destinos das protagonistas das obras de Mokeddem e Sebbar e, também, os das

autoras. Tanto Sebbar quanto Mokeddem vivenciaram experiências semelhantes às das suas personagens: nasceram na Argélia, conheceram a realidade de um país oprimido, usufruíram dos benefícios libertadores que a educação formal proporciona à vida de uma mulher e, também, ambas desfrutaram das vantagens de poderem se expressar pela língua do colonizador, o francês.

Na literatura pós-colonial, há dois termos muito significativos para entendermos a relação que os autores das ex-colônias mantiveram com a língua do colonizador: ab-rogação e apropriação. Ab-rogação significa a rejeição dos escritores pós-coloniais em relação às normas das línguas europeias ou o sentimento de marginalização sofrido pelo colonizado a respeito de sua língua (dialetos, crioulos e variantes). Porém, existem certos escritores, como Sebbar e Mokeddem, que assumem a língua do colonizador e se apropriam dela como instrumento a seu próprio serviço para alcançar o maior número de leitores. Dessa forma, a língua expõe a sua relevância na construção de textos pós-coloniais e, também, manifesta, como no caso da personagem Kenza, uma possibilidade de refletir sobre sua condição de sujeito e de sua singularidade como indivíduo:

L'école, seule échappée. Apprendre la langue de l'autre, premiers pas vers la singularité. Vers une solitude de plus en plus profonde. Et à chaque rentrée des classes, je découvrais que des pères avaient retiré des Houria, des Nacira et des Djamilia de l'école pour les marier; de force. (MOKEDDEM, 1995, p.21).

Sendo assim, por meio dessas duas obras literárias, temos a realidade de questões sociais, políticas e culturais potencializadas por meio do universo ficcional que oferece oportunidades de reflexões e decodificações de realidades que, frequentemente, não são percebidas pelos olhares desatentos e cotidianos.

Leïla Sebbar e Malika Mokeddem são duas escritoras francófonas que há muito discorrem em suas obras acerca da dupla marginalização que algumas mulheres estão suscetíveis a vivenciar: aquela subordinada ao seu gênero, ao “segundo sexo”, e aquela relacionada à questão de sua identidade como uma mulher “estrangeira”, vivendo em seu próprio país certas hostilidades, como é o caso das mulçumanas que vivem na França. Essas mulheres, quando julgadas por suas crenças e costumes, enfrentam o preconceito daqueles que se esquecem de que, muitas delas são cidadãs francesas e que também tiveram oportunidades de frequentar universidades, possuindo pleno discernimento intelectual para se afirmarem em suas escolhas. Assim, afirma Touraine (2007, p.137), sobre a

situação da mulher francesa de origem mulçumana no espaço público da França contemporânea:

[...] não esqueçamos que a grande maioria destas mulheres nasceu na França, tem nacionalidade francesa, que o francês é a língua de sua vida cotidiana e que possuem uma viva consciência de seus direitos enquanto cidadãs francesas. Vale lembrar também que algumas delas fizeram estudos superiores e que, tanto aquelas mulheres que usam o véu quanto as outras, fizeram discursos feministas e exercem atividades sociais em seus bairros... Poucas são aquelas que ignoram a situação gravemente deteriorada em que vivem muitas famílias de origem argelina ou marroquina; mas seria preconceito identificar todas estas mulheres com os ambientes onde reinam as condições mais difíceis. A diversidade entre estas mulheres é maior do que os preconceitos que atingem a todas elas.

Essa citação de Touraine nos leva a concluir que devemos ter muita cautela quando generalizamos certas condutas de diferentes etnias e culturas. É inquestionável que haja em nome de tradições e certas crenças o abuso do poder e a misoginia que, permanentemente, insistem em desqualificar a mulher como um ser inferior e submisso. No entanto, as questões que deixamos como reflexões são: como distinguir o limite, muitas vezes tênue, entre aceitação de práticas culturais diversas e a defesa de práticas que afirmem a dignidade, o respeito e a igualdade de possibilidades entre os gêneros? De que forma podemos contribuir para uma convivência harmônica entre os povos, colonizados e colonizadores, que garanta a livre expressão de seus valores e crenças e o respeito pelas diversidades de gênero, cultura e etnia?

FRANCOPHONY THROUGH THE FEMALE VOICES OF LEÏLA SEBBAR AND MALIKA MOKEDDEM

ABSTRACT: *Leïla Sebbar and Malika Mokeddem are two Algerian writers who have brought to the Francophone literature, from the point of view of the female voice, a critical look at the contemporary French and Algerian societies by subverting the subject centered on their fixed and unshakable identity. Through the writings of these authors, some of the themes related to feminist criticism and postcolonial theory have become present in the current literary context. The aim of this article is to establish a dialogue between Sebbar's fictional work, *Shérazade 17 ans, brune, frisée, les yeux verts* (1982), and Mokeddem's text, *Des Rêves et des Assassins* (1995), showing the similarities between the experience of patriarchy and that of the colonized subject.*

KEYWORDS: *Feminist Criticism. Leïla Sebbar. Malika Mokeddem. Postcolonial Theory.*

REFERÊNCIAS

- AS MIL E UMA NOITES. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. Porto Alegre: Globo, 2017. 2v.
- BONNICI, T. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.
- DIOUF, A. Prefáce. VALATIN, C. (Dir.). **La francophonie dans le monde 2006-2007**. Paris: Nathan, 2007. p.5.
- HALL, S. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Organizacao Liv Sovik; Traducao Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Edi. UFMG; Brasilia: Representacao da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOUSTON, N., SEBBAR, L. **Lettres parisiennes** : Histoires de l'exil. Paris: J'ai lu, 1986.
- MOÏ, A. **Riz Noir**. Paris: Gallimard, 2006. (Folio, 4362).
- MOKEDDEM, M. **Mes hommes**. Paris : Éditions Grasset, 2005.
- _____. **Des rêves et des assassins**. Editeur: B. Grasset, 1995.
- _____. **L'interdite**. Paris: Grasset et Fasquelle, 1993.
- _____. **Le siècle des sauterelles**. Paris: Ramsay, 1992.
- _____. **Les hommes qui marchent**. Paris: Grasset,1990.
- SAID, E. **Orientalismo**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.
- SEBBAR, L. **Shérazade.17 ans, brune, frisée, les yeux verts**. Northampton : Interlink Pub Group, 2014.
- _____. **L'arabe comme un chant secret**. Saint-Pourçain-sur-Sioule: Bleu autour, 2010.
- _____. **Mes Algéries en France**. Saint-Pourçain-sur-Sioule: Éditions Bleu Autour, 2004.
- _____. **Je ne parle pas la langue de mon père**. Paris : Julliard, 2003.
- _____. **La Seine était rouge**. Paris : Thierry Magnier, 1999.
- _____. **La jeune fille au balcon**. Paris : Seuil, 1996.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.73-102.
- SPIVAK, G. Diasporas old and new: women in the transnational world. **Textual Practice**, London, v. 10, n.2, p.269-272, 1996.

A francofonia pela voz feminina de Leïla Sebbar e Malika Mokeddem

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOODWORD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.07-72.



